

POR UMA SOCIOLOGIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA COLEÇÃO “SOCIEDADE EM MOVIMENTO”, A PARTIR DA SOCIOLOGIA DO CURRÍCULO DE BASIL BERNSTEIN

Jaqueline Fabeni dos Santos

INTRODUÇÃO

O livro didático se configura como um importante elemento de análise no campo acadêmico educacional, tendo sido ampliada as pesquisas que se destinam a compreender como tal instrumento didático materializa o currículo e os processos de disputas que o envolvem, o presente trabalho se alinha a esse movimento e enxerga tal objeto de pesquisa com inúmeras potencialidades analíticas para apontar caminhos e desafios para a constituição do ensino de sociologia.

A presente proposta de artigo representa excertos da pesquisa em andamento na tese de Doutorado no PPGSOC/UEL “Por uma Sociologia para o Ensino Fundamental”, onde é analisado a coleção “Sociedade em Movimento” (SILVA, 2014) publicada pela Editora Moderna, a primeira destinada ao Ensino Fundamental para alunos do 6º ao 9º, composta por 4 volumes e escrita por 14 autores, sendo que nove deles compõem o quadro de professores do Colégio Pedro II da cidade do Rio de Janeiro.

Esse artigo representa uma continuidade das discussões de SANTOS (2020) no qual buscou-se estabelecer uma análise comparativa entre os processos de recontextualização pedagógica da discussão Estrutura/ Agência dentro dos livros destinados aos Ensino Fundamental e Ensino Médio, o texto aqui expresso almeja complexificar a análise ao incorporar a questão da linguagem utilizada no

livro didático destinado ao Ensino Fundamental, refletindo sobre que tipo de Sociologia está sendo pensada e a quem se destina essa recontextualização.

Serão apresentados ao longo do texto elementos que justificam a originalidade da pesquisa, visto que existem poucos trabalhos acadêmicos destinados a pensar o Ensino de Sociologia nessa etapa de escolarização e nenhuma análise que se destina a pensar a coleção em questão. Como referencial teórico para o desenvolvimento da pesquisa foi eleita a Teoria do Currículo elaborada pelo sociólogo inglês Basil Bernstein, que buscou compreender como o conhecimento das ciências de referência são recontextualizados no ambiente escolar, considerando processos de disputas que envolvem diferentes agentes sociais e políticos. Outro importante elemento pensado pelo autor e que é acionado na pesquisa se refere aos processos de reprodução das desigualdades sociais. Estabelecendo uma correlação entre linguagem, classe social e desempenho acadêmico, Bernstein, pensa a questão da diferença entre a linguagem da classe trabalhadora e a linguagem da classe média e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, propõem-se analisar a linguagem utilizada na coleção “Sociedade em Movimento” a luz da teoria dos códigos restrito e elaborado, pensado pelo autor. A fim de problematizar como tal obra pode se configurar como um elemento de reprodução de processos de desigualdade social, ao privilegiar uma linguagem baseado nos códigos culturais pertencentes a classe dominante.

DESENVOLVIMENTO (APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO, RESULTADOS E REFLEXÃO)

Os livros didáticos, nos últimos anos, têm se configurado como um campo de pesquisa acadêmica em vasta expansão, seja dentro da área da Educação ou das Ciências Sociais. Ao materializar em suas páginas processos de disputas ideológicas, políticas, sociais, econômicas e culturais, se configuram como uma fonte complexa de pesquisa que “ não dizem apenas respeito ao fenômeno escolar, mas são também recursos valiosos para o entendimento de processos sociais relacionados à vida intelectual mais abrangente” (MEUCCI,

2020, p.2), sendo muitas vezes o meio de divulgação do conhecimento científico para a população em geral.

Desse modo, ao eleger os livros didáticos, em especial os voltados para o ensino da disciplina de Sociologia, como objeto de reflexão, seria possível compreender processos e discussões microssociais e macrossociais que influenciam as políticas públicas educacionais e a formação do currículo da disciplina, delineando as visões e valores que perpassam a forma como o conhecimento das Ciências Sociais é significado dentro da educação básica brasileira. Cabe apresentar a definição de livro didático utilizada dentro desse artigo:

Os livros didáticos definem-se como publicações não periódicas, de circulação pública que, como os demais livros, guardam ideias e registram a maneira de pensar de seus autores e dos contextos sócio históricos nos quais foram elaborados. Porém, têm especificidades com relação às demais produções editoriais. Como produtos culturais, são escritos, editados, vendidos e comprados tendo em vista sua utilização escolar e sistemática em sala de aula. O livro didático configura-se como instrumento específico do processo de ensino e aprendizagem formais, ou seja, da escola. Isto implica dizer que ele é pensado para ser usado por professores e alunos, ao longo de um ou mais anos escolares, com o intuito de contribuir para a compreensão de um determinado objeto do conhecimento humano consolidado como disciplina escolar. (MAÇARAI, 2017, p. 87).

Desse modo, tal instrumento pedagógico se apresenta como um objeto com inúmeras potencialidades de análise no campo acadêmico do Ensino de Sociologia. Assim o tema central de reflexão dessa proposta de artigo são os materiais didáticos produzidos e utilizados nos Anos Finais do Ensino Fundamental, especialmente a Coleção “Sociedade em Movimento”, publicada em 2014, pela Editora Moderna. Essa Coleção de livros voltada para estudantes do 6º ao 9º anos, composta por quatro volumes, tem como subtítulo “Conhecimentos das Ciências Sociais”, escrita por 14 autores, sendo que nove deles compõem o quadro de professores do Colégio Pedro II, da cidade do Rio de Janeiro.

Em pesquisa preliminar sobre o assunto “Sociologia no Ensino Fundamental”, foi possível encontrar poucos trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre essa temática, contudo, algumas experiências de inserção da disciplina no currículo do Ensino Fundamental, que ressaltam a relevância crescente dos conhecimentos de Ciências Sociais para a formação de crianças e adolescentes. Tais iniciativas se configuram como sendo específicas da esfera municipal e são fruto de conjunturas políticas e econômicas de determinados municípios, podendo ser citadas como exemplo dessas realidades as iniciativas das cidades de São Leopoldo – RS, Cariacica – ES, Belém – PA entre outras, que contaram com editais de concursos públicos para professores com formação em Ciências Sociais, para atuarem nessa etapa de escolarização.

Dentre os poucos trabalhos acadêmicos encontrados destacam-se os artigos de Ferreira, Guimarães e Vendramini (2009), que discutem a chamada alfabetização científica necessária para que os alunos cheguem com pré-requisitos ao Ensino Médio, a partir da experiência desenvolvida no Colégio Pedro II. Encontramos também o artigo de Bukowitz (2013) que faz a defesa da disciplina de Sociologia, tanto no Ensino Médio como no Ensino Fundamental, também tendo como referência a experiência desenvolvida no Colégio Pedro II. O texto de B.Lahire (2013) apresentado no ENASEB de 2013, que defende a necessidade das disciplinas das Ciências Sociais para uma nova formação de crianças e jovens desde o Ensino Fundamental. Mais recentemente temos os textos escritos por Rossato (2015) e Possamai; Rossato e Kern (2016) – essas últimas professoras pesquisadoras envolvidas diretamente na implementação da disciplina de Sociologia na cidade de São Leopoldo-RS. Todas as referências citadas tratam de artigos publicados em congressos e revistas científicas, em nível de especialização, mestrado ou doutorado, encontradas em pesquisas desenvolvidas por mim (SANTOS; 2011; 2015; 2020).

Essa singularidade do objeto de análise proposto demonstra sua relevância e relativa inovação, em comparação às pesquisas já realizadas, que tomam como foco o Ensino de Sociologia no nível Médio e seus livros didáticos. Significa afirmar uma possibilidade ainda pouco explorada. Assim, de antemão, é possível perceber uma lacuna no que se refere tanto à produção de livros e demais materiais

didáticos voltados para esta etapa da escolarização, quanto à análise sociológica dos poucos materiais já publicados.

Como um recorte proposto para esse artigo, pretendo dar continuidade a análise desenvolvida em Santos (2020), no qual foi abordado como a temática estrutura/agência aparece no primeiro volume, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental, da Coleção “Sociedade em Movimento”. Pretende-se ampliar a reflexão agora, tendo como objetivos principais: a) analisar e apresentar as primeiras conclusões sobre com a disciplina de Sociologia é recontextualizada para o Ensino Fundamental e em que medida ela representa uma continuidade ou ruptura em relação ao que é proposto no Ensino Médio; b) realizar uma análise qualitativa das imagens, obras de arte, das charges e da linguagem utilizada e selecionada como sendo relevantes no processo de recontextualização da Sociologia para o Ensino Fundamental e que possivelmente favoreçam os alunos que possuem um código cultural mais elaborado em detrimento dos alunos cujo código cultural é específico da classe trabalhadora.

Para dar conta dos objetivos propostos, foi selecionado como referencial teórico metodológico a Sociologia do Currículo, desenvolvida por Basil Bernstein, sociólogo inglês que faz parte do grupo chamado “Nova Sociologia da Educação”. Dentre outras contribuições, o autor busca desenvolver uma análise crítica da formação dos currículos e dos processos de escolarização ao propor que a pedagogia, o currículo e as avaliações são mecanismos de reprodução de controle e desigualdades sociais (BERNSTEIN, 1996). O autor propõe a chamada Teoria do Dispositivo Pedagógico, que permite compreender como a ciência de referência é recontextualizada e se torna um saber escolar, considerando as diferentes instâncias reguladores que influenciam nesse processo. Cabe nesse momento apresentar a definição de recontextualização pedagógica :

A recontextualização pedagógica tal como entendida por Basil Bernstein não é uma mera simplificação ou redução da ciência de referência, mas um processo complexo que exige a mobilização de saberes e habilidades distintas para sua adaptação ou tradução para a realidade e a linguagem do público de estudantes matriculados na última etapa da escolarização básica

(como é o caso da sociologia e das ciências econômicas e sociais). (MAÇAIRA, 2017, p.50).

Ao se voltar para esse processo, a teoria permite dar conta de como elementos microsociais e macrosociais perpassam a construção do currículo, ao fornecer uma teoria sociológica capaz de analisar de maneira dialética dados de ordem empírica e os esquemas conceituais da teoria. Assim, busca-se nesse trabalho desenvolver uma análise baseada na interação dialética entre linguagem interna (conceitos) e os dados empíricos (livros didáticos), a fim de construir uma síntese metodológica que o autor denomina como linguagem externa de descrição BERNSTEIN(2000), entendida como o momento em que os conceitos são ativados para leitura e compreensão dos dados empíricos a fim de construir modelos explicativos. A linguagem de descrição externa funciona como um campo de interação entre os conceitos da teoria e os dados empíricos, permitindo uma maior profundidade e precisão em relação ao objeto estudado. Assim:

Os princípios de descrição constroem o que conta como relações empíricas e transformam essas relações em relações conceptuais. Uma linguagem de descrição constrói o que conta como referentes empíricos, como estes referentes se relacionam uns com os outros de forma a produzir um texto específico e como estas relações referenciais são transformadas em objectos teóricos ou objectos teóricos potenciais. (MORAIS; NEVES, 2007, P.130)

Tal movimento intelectual permite o desenvolvimento de uma visão na qual a linguagem de descrição externa representa a síntese entre o teórico e o empírico, ambos igualmente importantes para uma boa investigação. Entretanto, para que isso se dê com maior precisão e aplicabilidade analítica é primordial uma teoria que forneça o rigor conceitual necessário para apreender como se dá a formação de uma identidade disciplinar, materializada nos livros didáticos, e seu processo de recontextualização em sala de aula. Conceitos basilares de Bernstein (1996) que permitem a compreensão do fenômeno da recontextualização pedagógica foram selecionados para o desenvolvimento do processo de pesquisa como um todo, tais como: código;

código elaborado e restrito; contextualização e recontextualização; comunicação pedagógica; campo; enquadramento; entre outros.

Especificamente para esse artigo, pretende-se desenvolver a discussão do autor sobre a teoria dos códigos, elaborada para caracterizar a diferença entre a linguagem da classe trabalhadora e da classe média, mostrando como o domínio ou não desses códigos pode influenciar o desempenho escolar. Tendo como pano de fundo essa discussão, o artigo se volta para a linguagem utilizada na Coleção “Sociedade em Movimento”, para apreender em que medida ela se insere como um mecanismo de rompimento ou reprodução das desigualdades sociais.

Em uma análise preliminar desenvolvida no artigo SANTOS (2020) se estabeleceu a comparação sobre como a discussão Estrutura/Agência se desenvolve nos livros didáticos de Sociologia destinados ao Ensino Fundamental, com a coleção “Sociedade em Movimento” (SILVA, 2014), e ao Ensino Médio com o livro “Sociologia em Movimento” (SILVA, 2016), mapeou-se como tais discussões estão aproximadas de uma concepção da Sociologia Clássica ou próximas as atualizações propostas pela Sociologia Contemporânea.

No livro destinado ao Ensino Médio foi possível perceber como a obra está comprometido em realizar um processo de reconstrução histórica das ideias sociológicas, estabelecendo estruturas narrativas didáticas sem o devido aprofundamento da teoria, apresentando o maior número possível de autores sem estabelecer a devida correlação entre a teórica sociológica e a realidade social, o que fica evidente ao notarmos que os exercícios e atividades são colocados apenas ao final do capítulo de maneira totalmente desconectada dos textos de síntese didática. Em suma o livro o livro da ênfase aos autores clássicos da Sociologia e relegando as abordagens contemporâneas a situações ilustrativas sem maior possibilidade de acionar seus conceitos e perspectivas para interpretação da realidade social.

Já no livro destinado ao Ensino Fundamental foi possível perceber uma diferenciação sobre a abordagem proposta para a disciplina. Vemos a construção de um esforço em estabelecer uma conexão do conhecimento sociológico com a vida cotidiana e a situações rotineiras, diferente do que acontece no livro destinado ao Ensino Médio, que enfatiza mais autores e conceitos. Isso revela como a coleção pode representar uma defesa de uma Sociologia acessível a

diferentes sujeitos históricos, independente da sua idade. Ao propor um discussão focada em situações práticas e não na construção de uma narrativa didática da disciplina, se compromete em realizar um processo de “alfabetização científica” na área de Ciências Sociais, mobilizando as categorias teóricas da Sociologia, da Antropologia e da Ciência Política para que o jovem possa pensar criticamente seu estar no mundo (FERREIRA, GUIMARÃES e VENDRAMINI, 2009, p.2).

Contudo, mesmo tendo esse grande diferencial, ainda cabe o questionamento sobre que tipo de Sociologia está sendo manifesta nesses manuais? Pois, ao mesmo tempo que a obra busca estabelecer uma maior proximidade com o cotidiano e situações práticas, esbarra na barreira da linguagem utilizada no livro. Nesse momento cabe fazer uso da Teoria dos Códigos Restrito e Elaborado, criada por Bernstein para compreender a diferença existente entre a linguagem da classe trabalhadora e a linguagem da classe média e como o domínio, ou não, de determinados códigos, podem trazer implicações no desempenho escolar e na aquisição de conhecimento, no caso o sociológico.

No desenvolvimento da noção de código o autor busca estabelecer uma correlação entre linguagem e sociedade, ou seja, como as estruturas sociais e econômicas, assim como o posicionamento do indivíduo nessas estruturas, influenciam a forma como os sujeitos acessam, utilizam e compreendem a linguagem. Sendo possível estabelecer uma ligação entre classe social, linguagem e rendimento escolar. Segundo a teoria de Bernstein código é definido como:

[...] considerado como um princípio regulador, tacitamente adquirido, que seleciona e integra os significados relevantes, a forma da sua realização e os contextos evocadores. O código é, assim, um regulador da relação entre contextos e gerador de princípios orientadores da produção dos textos adequados a cada contexto. A um nível operacional, o código é definido pela relação entre a orientação de codificação e a forma como essa orientação. (MORAIS; NEVES, 2007, P.116)

Dessa forma o autor considera que a orientação pode ser restrita ou elaborada dando origem ao que seriam os códigos restritos e os códigos elaborados. Cabe caracterizar cada um deles, o código de orientação restrita seria próprio da classe trabalhadora possuindo

um significado particularistas ligados ao contexto e com uma relação direta com a base material ao qual esse indivíduo que o aciona e o domina tem acesso. Já o código de orientação elaborado seria próprio da classe dominante e da classe média, possuindo um significado universalistas independentes do contexto e uma relação indireta com a base material.

Os indivíduos adquirem e dominam esses códigos a partir do processo de socialização que recebem no seio familiar. As famílias podem oferecer a seus filhos a aquisição e o domínio de códigos elaboradas ou restritas, dependendo da classe social a qual pertencem. Famílias pertencentes a classes sociais privilegiadas podem ofertar a seus filhos a aquisição e o domínio tanto de códigos restritos como códigos elaborados. Já famílias da classe trabalhadora tendem a ofertar aos seus filhos a aquisição e domínio dos códigos restritos, é preciso considerar que há caso em que as famílias da classe trabalhadora podem ter também uma orientação de código elaborado, desde que tenham acessos a espaços que permitam uma ampliação de repertório cultural, tais como movimentos sociais, sindicatos ou intuições religiosas.

Historicamente a escola e os livros didáticos tendem a priorizar a transmissão de códigos elaborados pertencentes as classes dominantes, justamente por isso os estudantes que não tiveram acesso a esses códigos no seu processo de socialização estão mais propensos a apresentarem resultados insatisfatórios no processo de ensino e aprendizagem. A escola se torna um mecanismo de reprodução das desigualdades:

A escola se ocupa necessariamente da transmissão e do desenvolvimento de ordens de significação universalistas. A escola ocupa-se em tornar explícitos – e em elaborar através da linguagem – os princípios e operações que se aplicam a objetos [...] e a pessoas [...]. O primeiro grupo de crianças [da classe média] através de sua socialização, já é sensível às ordens simbólicas da escola ao passo que o segundo [da classe trabalhadora] é muito menos sensível às ordens universalistas da escola. (BERNSTEIN, 1982, p. 26-7)

Podemos aplicar essa problemática aos livros didáticos e especificamente ao livro pertencente a coleção “Sociedade em

Movimento”, destinado ao Ensino Fundamental, que embora apresente um caráter bastante inovador ao pensar o conhecimento das Ciências Sociais destinados a crianças e jovens, problematizando o cotidiano através do olhar sociológico, permitindo a aquisição dos conhecimentos da ciência de referência por sujeitos de diferentes idades, possui uma dualidade. A construção textual, a linguagem e códigos privilegiados por essa obra tendem a estar aproximados da linguagem e códigos da classe média e classe dominante. Desta forma produziria uma Sociologia para o Ensino Fundamental destinada a um público específico, reforçando aspectos de desigualdade. Como é potencialmente notada nos trechos a seguir:

Tabela 1: Citações retiradas do Cap.3 e Cap.4

“Para as Ciências Sociais, a sociedade é uma produção humana e o ser humano, um ser social. A socialização é um processo de transmissão de saberes pelo qual o indivíduo aprende e **interioriza** os elementos **socioculturais** do seu meio, integrando-se e adaptando-se ao grupo social do qual faz parte. Isso significa, que aos poucos, vamos adotando, **inconscientemente**, as formas de pensar e agir própria da sociedade em que vivemos. Esse processo se inicia no nascimento e continua por toda vida, por meio do contato permanente entre os diferentes membros de um grupo social” (SILVA,2014.p.30,grifo da autora)

“Esses aprendizados básicos no convívio familiar são os passos **inaugurais** do aprendizado da vida em sociedade” (SILVA,2014.p.31,grifo da autora)

“Como vimos, nos processos de socialização os indivíduos constroem laços a partir de valores. No contraste com o outro, é possível **aprimorar** o reconhecimento de si mesmo. Por meio das relações sociais estabelecidas, nós nos percebemos como membros de determinados grupos e não de outros” (SILVA,2014.p.35,grifo da autora)

“Outra forma de ilustrar o estudo sobre o conceito de papéis sociais é por meio da comparação da cena social com uma representação teatral. No teatro, quando um personagem entre em cena, o primeiro contato que temos é com sua imagem. A princípio, observamos suas roupas, sua aparência física, sua expressão. No decorrer da apresentação, podemos perceber as **características subjetivas** de sua personalidade” (SILVA,2014.p.36,grifo da autora)

“Em nossa sociedade, por exemplo, confere-se maior status social às pessoas que **usufruem** de melhor condição financeira e acumulam bens materiais” (SILVA,2014.p.36,grifo da autora)

“Aspectos sociais relevantes, como profissão ou local de moradia, servem como **parâmetro** para o julgamento do status de uma pessoa. Cada Sociedade constrói critérios próprios para a valorização de determinados elementos.” (SILVA, 2014, p.37, grifo da autora)

Fonte: Elaborada pela autora a partir de SILVA (2014)

Ao olharmos para os trechos retirados dos Cap.3 e Cap.4 do livro destinado ao 6º da coleção “Sociedade em Movimento” é possível notar o uso de uma linguagem elaborada, de exemplos ligados a cultura de uma classe média e construções de frases elaboradas e em certa medida que exigem uma abstração que não estaria acessível aos filhos da classe trabalhadora. Visto que, o código restrito é particularista e preso ao contexto, já o código elaborado é mais universalista e independe do contexto, no processo de socialização dos filhos da classe trabalhadora existiria o predomínio do código restrito, enquanto que a os filhos da classe média desenvolveriam o domínio de ambos os códigos descritos por Bernstein. Na prática um livro ou texto que privilegia em sua construção:

“sentenças gramaticalmente complexas, com ordem gramaticalesintaxeprecisas; uso variado de conjunções e orações subordinadas; uso frequente de preposições que indicam relações lógicas, bem como de preposições que indicam contiguidade temporal e espacial; uso variado de adjetivos e advérbios; uso variado de pronomes” (NARZETTI; NOBRE. 2016, p.290)

Estaria reforçando processos de desigualdade, demarcando fronteiras entre as classes sociais, é possível problematizar como esse discurso pedagógico presente na coleção “Sociedade em Movimento”, apesar de buscar tornar o conhecimento sociológico acessível ao nível de abstração que crianças e jovens possuem, estabelecendo a proximidade entre a teoria sociológica e o cotidiano, está favorecendo a reprodução de desigualdades sociais. Ao trabalhar com linguagens e códigos que são mais facilmente incorporados por estudantes das classes dominantes a sua adoção em diferentes contextos e regiões do país, ainda esbarraria nessa questão da linguagem, sendo que a Sociologia ensinada seria destinada a formação de um grupo de crianças e jovens da classe média.

Claro que cabe nesse momento fazer as devidas considerações a respeito do contexto de produção da coleção, que em grande parte explica e justifica esse privilégio em relação ao código elaborado. Dos 14 autores da coleção, 9 deles compõem o quadro docente do Colégio Pedro II, sendo a obra resultado das experiências e práticas desenvolvidas em sala de aula em turmas do 6º ao 9º. Um colégio com uma tradição e pioneirismo no ensino de Ciências Sociais e cujo o corpo discente possui um perfil bem específico. Como coloca SANTOS (2015, p.66):

O ingresso ao Pedro II é feito por meio de sorteios públicos, aos alunos da Educação Infantil e do 1o e 2o anos do Ensino Fundamental, por meio, exclusivamente, de concursos oferecidos aos alunos do 6o ano do Ensino Fundamental e, posteriormente, aos alunos do 1o ano do Ensino Médio, o que garante que o nível de aprendizagem dos alunos ingressantes na escola seja muito elevado. A maioria dos alunos que conseguiu um bom desempenho nesses concursos era oriunda da classe média e do sistema privado. Pensando nisso e visando garantir uma maior igualdade de oportunidades, recentemente, foi introduzida uma política de cotas nas seleções de candidatos ao Pedro II. Deste modo, 50% das vagas ofertadas passaram a ser oferecidas exclusivamente para alunos oriundos de escolas públicas e outras 50% das vagas dirigidas aos alunos que estudaram em escolas privadas (SANTOS, 2015, p.66)

Os alunos aos quais se destinam e que inspiraram a elaboração da coleção são compostos em grande parte por filhos da classe média que tendem a dominar com maior facilidade os códigos restritos e elaborados materializados nas páginas do livro didático, assim conseguiriam dominar o nível de abstração proposto para o conhecimento sociológico, a medida em que não falta exemplos cotidianos que aproximem o olhar sociológico da realidade social, sendo esse o grande diferencial da obra, que tropeça na questão da linguagem, fazendo com que sua aplicação e utilização seja efetiva apenas nesse pequeno contexto que permitiu a sua criação.

O processo da recontextualização didática, apresentado nos livros da coleção, em uma escala nacional, teria um limite de classe

social, ao exigir dos alunos do Ensino Fundamental um maior domínio de códigos elaborados. Ao favorecer uma linguagem complexa e abstrata, por fazer uso de códigos e mensagens pertencentes ao discurso e ao capital cultural dominante e ligado a classe dominante a sua aplicação em outros contextos seria bastante limitada, sendo necessário adaptações por parte do professor para tornar essa Sociologia proposta, acessível aos filhos da classe trabalhadora

Cabe ressaltar que a pesquisa ainda está em desenvolvimento, sendo as conclusões aqui compartilhadas bastante preliminares. Por isso, a necessidade de apresentá-las e debetê-las em espaços como esse GT proposto pelo Eneseb, pois um olhar crítico de pesquisadores da área é de extrema valia para as reconfigurações necessárias e para a elaboração de encaminhamentos futuros, que certamente aprofundarão o processo de consolidação dessa pesquisa de Doutorado na Sociologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesse primeiro olhar lançado sobre o campo, representado pelos livros da coleção Sociedade em Movimento, foi possível perceber uma dualidade existente na obra analisada. Os livros destinados ao Ensino Fundamental potencialmente trazem um novo olhar para o Ensino de Sociologia, ao romperem com uma narrativa didática da história das Ciências Sociais, aproximam o conhecimento sociológico a vida cotidiana problematizando os conceitos e teorias a partir da realidade social, o que revela como a coleção pode representar uma defesa de uma Sociologia acessível a todos os sujeitos históricos independente da sua idade.

Entretanto, ao privilegiar em sua estrutura uma linguagem rebuscada e complexa dá ênfase ao código elaborado pertencente a classe média. Desconsiderando os diferentes processos de socialização aos quais as crianças e jovens estão submetidos e que influenciam diretamente a aquisição e o domínio da linguagem e dos códigos, tornando a utilização desse material didático, hipoteticamente, em um contexto nacional, bastante problemática.

Pois, poderia se configurar como um elemento de reprodução das desigualdades sociais ao valorizar o código elaborado e universalista da classe média em detrimento do código restrito e particularista

da classe trabalhadora. Ou seja, reforçando uma estrutura de classes que dá pouco ou nenhum espaço para a linguagem da classe trabalhadora, vista como inferior e mais simplificada.

O grande desafio que a análise desse livro didático traz para o Ensino de Sociologia é incorporar essa visão da sociologia, não mais baseada em narrativas didáticas e sim mais próxima da realidade social, ao mesmo tempo que considera a necessidade de uma linguagem que incorpore os códigos restritos dominados pela classe trabalhadora, não como um elemento de simplificação do conhecimento sociológico, mas como um elemento de democratização desse olhar sociológico.

Novamente cabe ressaltar, que a pesquisa ainda está em desenvolvimento e as conclusões representam reflexões preliminares, elaboradas principalmente pela análise do livro didático, pretende-se confrontar tais deduções com os dados empíricos fornecidos pela entrevista com os autores da coleção. O que irá permitir compreender o contexto de produção da coleção, os processos de seleção ou supressão de determinada abordagem teórica ou autor e as políticas públicas que permearam e normatizaram a produção desses livros, ressaltando como

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, **A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização**. Cadernos de Pesquisa, nº. 120, p. 75-110, novembro/ 2003.

BERNSTEIN, B. **Pedagogy, symbolic control and identity: Theory, research, critique (revised edition)**. Londres: Rowman & Littlefield, 2000.

BERNSTEIN, Basil. **A educação não pode compensar a sociedade**. In: GRÁCIO, S; STOER, S. (orgs.) **Sociologia da Educação**, V. II: A construção social das práticas educativas. Lisboa: Horizonte, 1982. p. 19-31.

BERNSTEIN, Basil. **A Estruturação do Discurso Pedagógico: classe, código e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2007

DESTERRO, Fabio Braga do. **Sobre livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio**. 270 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FERREIRA, F; GUIMARÃES, E & VENDRAMIN, L. **Aprendendo Ciências Sociais desde o Ensino Fundamental**. Site Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, 2009. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/UAs/se/departamentos/sociologia/teses/Ferreira,%20Guimaraes%20e%20Vendramin%20-%20texto%20CONEF%202009.pdf> Acesso em 15/05/2014.

LAHIRE, B. **O homem plural ou a sociologia em escala individual**. In: VANDENBERGHE, F., VÉRAN, Jean- François (Org.) Além do habitus: teoria social pós- bourdieusiana. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016. p. 39-47.

LAHIRE, Bernard. **Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual**. Sociologia, set. 2005, n.º.49, p.11-42.

MAÇAIRA, Julia Polessa. **O ensino de sociologia e ciências sociais no Brasil e na França: recontextualização pedagógica nos livros didáticos**. 2017. 342f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA)

MACEDO, Joana da Costa. **A socialização política em livros didáticos: uma discussão curricular em perspectiva comparada**. Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS, v.3, n.º. 2, p.2647, 2019.

MEUCCI, Simone. **Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento: uma proposição teórico-metodológica**. Rev. Bras. Hist. Educ., Maringá, v. 20, e098, 2020 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223800942020000100502&ln-

g=en&nrm=iso>. access on 12 Aug. 2020. Epub Jan 17, 2020. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e098>.

MORAIS, A.N; NEVES, I.P. **Teoria de Basil Bernstein: alguns aspectos fundamentais**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, PR, v. 2, n. 2, p. 115-130, jul.-dez. 2007.

NARZETTI, C.; NOBRE, A. **A teoria dos códigos linguísticos de Basil Bernstein e a questão da modalidade oral da língua**. Domínios de Linguagem | Uberlândia, MG, vol. 10, p. 286-303 n. 1 | jan./mar. 2016

NOGUEIRA, C. **Bernard Lahire: contribuições e limites de uma sociologia em escala individual**. In: VANDENBERGHE, F., VÉRAN, Jean-François (Org.) Além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016. p. 49-69.

SANTOS, Jaqueline Fabeni dos. **Conteúdos de Ciências Sociais no Ensino Fundamental: reflexões acerca das possibilidades sugeridas pelo LENPES**. 2011. Dissertação (Especialização). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SANTOS, Jaqueline Fabeni dos. **Experiências de Ensino de Sociologia/ Ciências Sociais no Ensino Fundamental: Análises das Práticas dos Professores**. 2015. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SANTOS, Jaqueline Fabeni dos. **Por uma Sociologia para o Ensino Fundamental: análise comparativa da discussão estrutura/agência na coleção Sociedade em Movimento e no livro Sociologia em Movimento**. In: ENSOC (Encontro Estadual de Ensino de Sociologia) 7º, 2020, Rio de Janeiro – RJ. Disponível em : <https://www.ensoc-rj.com/sexoes-dos-gts> . Acesso em : 03/06/2021.

SILVA, Afrânio. et al. **Sociedade em Movimento**. 1ª.ed. São Paulo: Moderna, 2014.

SILVA, Afrânio. et al. **Sociologia em Movimento**. 2ª.ed. São Paulo: Moderna, 2016.